



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

CRISTIANE AURELIANO DE SOUZA

A AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

CAMPINA GRANDE – PB

2014

CRISTIANE AURELIANO DE SOUZA

**A AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas e Interdisciplinares, como requisito as exigências para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

S719a Souza, Cristiane Aureliano de
A aula de campo como instrumento facilitador da
aprendizagem nas aulas de Geografia no ensino fundamental
[manuscrito] / Cristiane Aureliano de Souza. - 2014.
38 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ledian Rodrigues Lopes Ramos
Reinaldo, Geografia".

1.Aula de campo. 2.Aprendizagem. 3.Recurso didático I.
Título.

21. ed. CDD 372

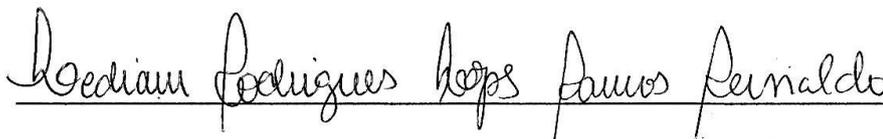
CRISTIANE AURELIANO DE SOUZA

**A AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas e Interdisciplinares, como requisito as exigências para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em: 06/12/2014

BANCA EXAMINADORA



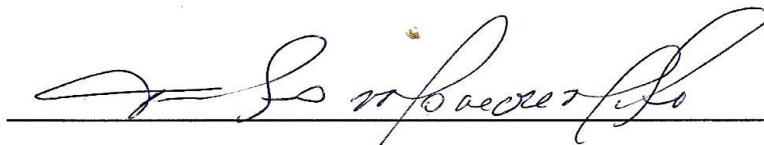
Prof.ª: Drª Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo.

Orientadora



Prof.: Me Ozéas Jordão da Silva

Examinador



Prof.: Me Faustino Moura Neto

Examinador

DEDICATÓRIA

Ao querido colega de profissão José Lenivaldo da Costa (*In Memoriam*), que sempre se destacou por exercer com muita responsabilidade sua profissão.

Dedico a você colega, que infelizmente se foi tão jovem, mas que nos deixou grandes contribuições e ótimas lembranças.

AGRADECIMENTOS

A nosso bondoso **Deus**, pela grande força espiritual, por possibilitar-nos a vida e a capacidade de seguirmos sempre em frente, superando barreiras e dificuldades.

A todos os mestres que sempre propagaram o conhecimento, em especial a minha orientadora **Dr.^a Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo**, pelo compromisso e incentivo transmitidos aos seus alunos e orientandos; à banca examinadora, representados pelos Mestres **Ozéas Jordão da Silva** e **Faustino Moura Neto**, pela disposição e ajuda na construção desse projeto.

A todos os meus amigos e familiares, que sempre contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Quero dedicar um agradecimento especial as minhas amigas, **Marta de Oliveira Barros**, **Monalisa Cristina M. da Silva** e **Rosimary de Almeida Caldas**, pela grande força na construção dessa pesquisa.

Aos meus queridos **alunos** e **colegas de trabalho** da Escola Estadual Dom Helder Câmara, que me inspiraram e foram instrumentos concretos desse trabalho.

EPIGRAFE

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.

(John Dewey)

RESUMO

A presente pesquisa monográfica pretendeu estabelecer um recorte no processo de construção do conhecimento através da atividade de aula de campo para a melhor compreensão da ciência geográfica e da interdisciplinaridade. A pesquisa evidenciou a necessidade da busca por estratégias didáticas que facilitassem o trabalho de ensino-aprendizagem e a importância da aula de campo para tal processo. O trabalho foi organizado em três capítulos contemplativos da relevância da aula de campo para o desenvolvimento do raciocínio lógico e na consolidação do conhecimento escolar, da compreensão do ambiente escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, na ocasião, o município de Areia – PB. Por fim a pesquisa apresenta a experiência vivenciada por professores e alunos de uma escola estadual da periferia de Campina Grande – PB, etapa na qual são apresentados dados comprobatórios da eficiência dessa estratégia de ensino para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento de discentes e docentes.

Palavras-chaves: Aula de campo. Aprendizagem. Recurso didático.

ABSTRACT

This monographic research intended to establish a cut in the construction of knowledge through the field lesson activity for a better understanding of geographical science and interdisciplinarity. The research showed the need to search for teaching strategies that facilitate the teaching-learning work and the importance of field class for such a process. The work was organized into three chapters recluses of the relevance of class field for the development of logical reasoning and consolidation of school knowledge, understanding of the chosen environment for the development of research at the time, the city of Areia – PB. Finally, the research presents an experience of teachers and students of a state school in the outskirts of Campina Grande – PB, step in which data supporting the effectiveness of this teaching strategy for the development and expansion of knowledge of students and teachers are presented.

Keywords: Class field. Learning. Teaching resource.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO NAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO	12
1.1 TRABALHO DE CAMPO ENQUANTO MÉTODO DIDÁTICO	12
1.2 A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA	14
1.3 AS ETAPAS E DIFICULDADES PARA A CONCRETIZAÇÃO DE UMA AULA DE CAMPO	16
2 CONHECENDO O ESPAÇO A SER ESTUDADO: TRABALHO DE CAMPO CIDADE DE AREIA – PB	19
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE	19
2.2 IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL DO MUNICÍPIO DE AREIA – PB	21
2.3 SELEÇÃO DE CONTEÚDOS E EVENTOS REALIZADOS ANTES DA IDA A CAMPO	23
3 EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DE UMA AULA DE CAMPO	25
3.1 MECANISMOS E RECURSOS UTILIZADOS NA AULA DE CAMPO	25
3.2 PERCURSO DO TRABALHO DE CAMPO	28
3.3 REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DESSA PRÁTICA PARA DISCENTES E DOCENTES NO AMBIENTE DA PESQUISA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O processo ensino e aprendizagem é um procedimento complexo que envolve entrega tanto do docente quanto dos discentes. Para que esse possa acontecer atendendo um padrão de qualidade crescente deve haver uma sintonia somada a interesses e empenhos vindos de todo corpo formador do espaço escolar. Vivemos em meio ao chamado mundo globalizado onde diariamente estamos submissos a máquinas e acabamos agindo como tal, de forma que acabamos não produzindo conhecimento, mas apenas armazenando informações. Nossas escolas estão adquirindo papéis cada vez mais burocráticos deixando de lado a essência maior que é a formação de cidadãos críticos pensantes e atuantes. No entanto muitos profissionais procuram estimular seus alunos utilizando alguns recursos didáticos, de maneira atraente.

A falta de estímulo e compromisso com os estudos tornam alguns alunos acomodados e desmotivados a frequentar o espaço escolar. Cabe ao profissional da educação transformar essa realidade que dificulta tanto o processo de ensino como o de aprendizagem. O professor contemporâneo desempenha um papel de transformador social e, embora enfrente todas as dificuldades do sistema atual da educação, ele é ainda, sem dúvida, um dos poucos profissionais que lutam por uma causa, acreditando na mudança desse sistema, que vem de séculos, com o intuito de dedicar-se à transformação do cidadão e de sua inclusão social por meio da melhoria de ensino.

Este trabalho tem como foco principal discutir sobre a importância da aula de campo como metodologia didática para facilitar a compreensão da ciência geográfica, analisando os benefícios proporcionados pela prática de aula de campo. O estudo contempla ainda as dificuldades enfrentadas por professores na realização de trabalhos fora do ambiente escolar e na dificuldade da busca por estratégias didáticas facilitadoras do processo ensino-aprendizagem. Parte-se, portanto, do fundamento do materialismo dialético, tendo em vista que o fenômeno educacional não ocorre de forma isolada, e deve ser compreendido em sua totalidade com contribuições do método dedutivo participativo, onde teoria e prática não serão trabalhadas de formas separadas.

O trabalho foi desenvolvido em três importantes etapas. Em um primeiro momento abordamos os aspectos que contemplam a aula de campo como um recurso didático de elevada importância para o ensino passando desde o seu surgimento até os dias atuais, para isso tornou-se importante realizar um levantamento teórico metodológico referente ao grau de contribuição da aula de campo como um recurso didático para a educação, sobretudo para o desenvolvimento da Geografia as dificuldades enfrentadas e a importância para toda

organização da estrutura que compõe uma aula de campo e realizações dos objetivos propostos.

Na segunda etapa abordamos os aspectos gerais da área objeto do estudo, o município de Areia – PB, localizado na mesorregião do Agreste da Paraíba, e compõe a microrregião do Brejo Paraibano, assim foram reforçados seus traços geográficos, históricos, culturais. A partir desse resgate compreender sua importância histórica e social, contemplando a organização dos conteúdos que poderiam ser estudados na Aula de Campo.

O terceiro e último momento retrata de forma detalhada a experiência vivenciada por cinquenta alunos e quatro professores de uma escola estadual localizada no bairro Santa Rosa, em Campina Grande – PB, em uma aula de campo realizada no município de Areia – PB, em novembro de 2013. Nessa etapa da pesquisa analisamos os dados obtidos em questionários, descrevemos todo o roteiro utilizado na aula e qual a contribuição dessa prática para o ensino da Geografia e de outras ciências, a partir do empirismo, onde se considera as experiências práticas.

Todos os capítulos apresentam discussões sobre a Aula de Campo como facilitadora da aprendizagem no ensino da Geografia, tendo em vista as necessidades do uso de estratégias didáticas que facilitem a relação entre professores e alunos, além de auxiliar a construção do conhecimento dos alunos do Fundamental II.

1 REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DA AULA DE CAMPO NAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO

1.1 TRABALHO DE CAMPO ENQUANTO MÉTODO DIDÁTICO

Muitos são os estudos referentes à importância da aula de campo para a construção do conhecimento e o desenvolvimento do raciocínio lógico dos educandos. Por isso Carbonell (2002) destaca que os espaços fora da sala de aula despertam a mente e a capacidade de aprender, pois se caracterizam como espaços estimulantes que bem aproveitados classificam-se como um relevante cenário para a aprendizagem. Na ótica de Barros (2010), a aula de campo é uma ponte entre teoria e prática, vai permitir reflexões e aproximar os conteúdos vistos em sala de aula aos conteúdos que irão ser vivenciados.

Para Viveiro e Diniz (2009) a aula de campo propaga-se também como um aumento de afeto e confiança entre discentes e docentes. Para além do conteúdo específico, uma atividade de campo permite também estreitar a relação de estima entre o professor e alunos, favorecendo um companheirismo resultante da experiência incomum e da convivência agradável entre os sujeitos envolvidos que perdura na volta escolar.

Nesse contexto, compreende-se que a atividade de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino/ aprendizagem. Mas, é importante destacar que por ser um método didático que auxilia o professor em suas aulas teóricas, não deve ser utilizada sem fundamentação prévia, tendo em vista que sua função principal é a materialização da teoria.

Diante dessa abordagem entendemos que para a concretização dos objetivos a aula de campo não se configura necessariamente apenas como uma viagem para algum lugar. Por isso Passini *et al.* (2007, p. 15) coloca que “a aula de campo seria um método ativo e interativo, pois o espaço não é fragmentado. Ele é a sala de aula, o pátio da escola, o refeitório, o corredor, a rua do colégio, a casa do aluno, o bairro, a cidade, o município, o parque Florestal, o fundo de vale, entre outros”.

O autor esclarece que o ambiente escolar é o meio que pode ser utilizado para a realização de uma aula de campo, bem como a comunidade no entorno e, sendo assim, não há empecilhos para a concretização da mesma e qualquer escola pode desenvolver este método com os alunos, onde todos têm condições de participar, pois não importa as condições

financeiras, os problemas com deslocamentos, ou ainda as dificuldades burocráticas oferecidas por uma viagem.

Através do contato direto com o conteúdo os estudantes que participam da atividade de campo são motivados e estimulados a pensarem criticamente, dessa forma, confrontam informações, associando a aula teórica ao momento vivenciado, podendo assim desafiar a realidade de maneira a concordar com a teoria ou não. Este estímulo possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento através do desafio do pensar crítico. Segundo Hissa e Oliveira (2004, p. 203):

A proposta do estudo do meio é trazer uma situação concreta de existência como um problema que desafia e exige respostas não apenas intelectuais, mas de ação. Nessa mesma esteira, pensa-se a inter-relação das coisas físicas e humanas na construção do meio: ‘um rio poluído pode levar a industrialização, à migração, à questão agrária e a história da vida de cada um’.

Essas buscas por alternativas que visam facilitar a aprendizagem e dinamizar as aulas possuem funções pedagógicas, mas se caracterizam por ser bem mais que estratégia. Estudar o meio é também um componente integrante do processo de ensino, e para Libâneo (1994) todos esses procedimentos que permitem uma discussão em torno do mundo concreto do aluno devem ser enriquecidos com visitas nas localidades abordadas.

As atividades de estudo do meio no Brasil são bastante recentes, onde se popularizou em meados da década de 1960, no interior do movimento da Escola Nova. No entanto, Pontuschka (2004) e Bittencourt (2005) pontuam que há registro sobre essa prática bem antes desse período, por volta do início do século XX, com o ensino fundamentado nas observações de campo nas escolas criadas pelos militantes anarquistas que, mais tarde, seriam fechadas por motivos políticos, e dessa forma a visão de que o ensino era caracterizado por essa junção com a realidade só volta a ser reafirmada e consolidada, de fato, sobre as inspirações movimentais da Escola Nova. Magaldi (1965 *apud* LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 69), coloca que:

O problema das relações ESCOLA e VIDA tem sido colocado, não de hoje, pelos educadores, tanto na Europa quanto na América. Mais de uma vez afirmou-se como verdade pacífica, neste plenário mesmo, o princípio de que ESCOLA É VIDA e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido, não pode continuar a ser um compartimento fechado, pseudo-preparando para a vida, fora da vida.

É importante ressaltar que o sentido das expressões estudo do meio e atividade de campo não se classificam como sinônimo. Para Goettems (2006), o termo vem sendo utilizado de forma indiscriminada, no entanto a atividade de campo seria uma das atividades desenvolvidas dentro do estudo do meio, práticas criadas por educadores ao longo de décadas, capazes de possibilitar a compreensão do mundo e a superação de desafios socioeducacionais de cada momento histórico.

Para Rodrigues e Otaviano (2001), quando relacionamos os conteúdos vistos com a situação vivenciada através da aula de campo, temos uma forte tendência em desenvolver no aluno uma sensibilização maior ao mundo natural e cultural, além de propiciar o enriquecimento harmonioso da personalidade do aluno e aquisição de conhecimentos de conteúdos relacionados à visita.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

O trabalho de campo é uma técnica bastante utilizada na Geografia desde o seu surgimento, isso é percebido através de relatos de pesquisadores, viajantes, naturalistas que utilizavam o meio como instrumento de análise. O ser humano desde sua origem sentiu a grande necessidade de conhecer melhor o seu lugar e os recursos inerentes a sua sobrevivência. Para Hissa e Oliveira (2004), essa prática contribuiu para o fortalecimento da Geografia e o desenvolvimento da pesquisa, a observação e descrição foram pontos primordiais para o aperfeiçoamento posterior dessa ciência. Já Pontuschka *et al.* (2007) reforçam que a produção científica da Geografia foi alicerçada baseada em trabalhos de campo, sobretudo, moldados as tendências francesa e alemã.

Segundo os PCNs, o professor não deve colocar-se unicamente como um profissional no ensino de Geografia, mas sim como um educador, esse que deve buscar a realidade dos seus alunos e lhes mostrar qual importância tem a Geografia para a compreensão de seu cotidiano, o campo oferece-nos essa base para a inserção da realidade do aluno com o conteúdo abordado. Em relação ao ensino de Geografia, os PCNs (BRASIL, 1998, p. 55.) ainda afirmam:

Para isso o professor poderá se comportar didaticamente, valorizando a realidade concreta do aluno. Para começar a trabalhar espaço, território, paisagem e lugar como categorias imprescindíveis para a explicação e compreensão na análise geográfica, deve instigar o aluno a querer saber como o olhar geográfico pode contribuir para ajudar a desvendar a natureza dos lugares e do mundo como habitat do homem.

Diante dessa abordagem o ensino da Geografia tem uma missão importante para sensibilizar o alunado de sua participação social no mundo. Se antes a geografia era vista como uma disciplina onde se decorava, se descrevia paisagens, hoje ela vai bem mais além, pois exige que seja feita uma reflexão a fim de compreender vários fenômenos nos âmbitos sociais, naturais, culturais, dentre outros. É o que nos afirma Antunes *apud* Silva, Farias e Oliveira (2013).

O processo de ensino-aprendizagem geográfico atual aponta que aprender Geografia antigamente era sinônimo de decorar, saber nomes de rios, lagos, mares, entre outros, sem reflexões, e atualmente ela exige uma interpretação, fazer ligações com diversos temas (ANTUNES *apud* SILVA; FARIAS; OLIVEIRA, 2013). Nesta mesma perspectiva, o professor deve desafiar seus alunos para saber analisar, compreender, contextualizar o conteúdo, e essa mudança exige do educador procurar outros métodos, para inovação e para desenvolver essas habilidades nos educandos.

Figueiredo e Silva (2009) explicam que esses acontecimentos mostram a transição da geografia tradicional para a geografia crítica, tendo em vista que as observações descritivas e não contextualizadas passam agora a serem abordadas com um caráter questionador na busca por respostas que sejam coerentes que associe fatores, que transforma o aluno em um investigador com a capacidade crítica de relacionar e questionar conteúdos.

Esse caráter crítico que a Geografia conquista e coloca como um componente privilegiado no currículo, sua ampla definição interdisciplinar, facilita as mais variadas abordagens de conteúdo no campo. Portanto, a aula de campo é uma ferramenta do ensino da Geografia que promove no discente uma melhor concepção do seu espaço intensifica a construção do saber e desenvolve a cidadania, no docente é um apoio na saída da rotina das aulas tradicionais que oferece recursos dinâmicos para despertar o interesse pela Geografia, que é vista para muitos alunos como uma disciplina sem relevância e de caráter decorativo.

Para Cerbato (2009), esse contato garante um aprendizado mais sólido, inovador e até mesmo sedutor. Nesse tipo de metodologia os conceitos de lugar e paisagem assumem uma posição de evidência quando se analisa o espaço geográfico e se enfatiza os elementos visíveis e invisíveis da formação da identidade. A parte vivenciada no estudo da Geografia é o que solidifica o conhecimento dessa ciência, quando o educador consegue propiciar essa experiência em suas aulas, está construindo um apoio para o aluno construir seu próprio saber geográfico através da identificação e compreensão das diversas categorias dispostas pelo meio dispões para serem analisadas e conceituadas.

Neves (2010) destaca que através da aula de campo desenvolve-se o caráter pesquisador, investigador do estudante, e essa contextualização entre conteúdo e aula prática no campo influencia diretamente na construção da ciência e na relevância social da mesma. Essa busca por estratégias metodológicas para inovar o ensino de Geografia veio com o movimento de renovação da Geografia escolar.

No Brasil esse movimento ocorreu, sobretudo, no século XX com o propósito de mudar as propostas de pesquisa e ensino, como enfatiza Cavalcante (2002). Dessa forma é pouco atrativo o estudo de uma Geografia fragmentada e distante da realidade do aluno, uma Geografia limitada à memorização e dados sem reflexão crítica. Diante dessa abordagem, o importante da Geografia é formar um cidadão crítico e participativo na sociedade, isso só se alcança quando se está disposto a superar as metodologias tradicionais de ensino, quando o conjunto de métodos educacionais renova-se.

1.3 AS ETAPAS E DIFICULDADES PARA A CONCRETIZAÇÃO DE UMA AULA DE CAMPO

Ao contrário do que se imagina a aula de campo não é concretizada apenas pela visita do meio em si. Todo o conjunto que engloba o planejamento, a delimitação dos conteúdos abordados que serão elos entre a aula teórica e prática, elaboração de roteiros, ou seja, tudo que é pensado e elaborado antes, durante e depois são elementos fundamentais ao sucesso da aula de campo, da mesma forma que é importante o planejamento para a saída a campo o retorno significa ainda mais, tendo em vista que esse é o momento para a discussão, para as contribuições que o estudo trouxe para o crescimento intelectual dos estudantes.

Neste sentido, Barros (2010) ressalta a importância de fazer uma avaliação em torno dos resultados obtidos com a aula de campo, pois conforme afirma Viveiro e Diniz (2009) “limitar esta atividade apenas a visita propriamente dita constitui-se num desperdício das potencialidades passíveis de serem trabalhadas por meio das atividades de campo” (p. 05).

Dentre as maiores dificuldades enfrentadas na realização de uma aula de campo, a reflexão de tal ainda é a parte mais difícil de compreender, pois permanece a ideia de que aula de campo não seria aula ou seria um dia de passeio, o que não é verdade, e diante desta realidade é preciso desmistificar essa teoria e compreender que o objetivo da aula de campo é consolidar os conteúdos dados em sala de aula. Nesse momento todo o conteúdo indispensável para o ensino e a aprendizagem do aluno materializa-se em sua frente, dessa forma o ato de planejar milimetricamente cada detalhe da atividade de campo é indispensável,

caso contrário, a saída da sala de aula nada mais será que uma mera excursão recreativa, como afirma Layrargues (2004).

Diante dessa abordagem a falta de planejamento dificulta o trabalho do professor em conseguir obter resultados positivos, o planejamento do trabalho de campo é fundamental para que os professores atinjam os objetivos das aulas.

É preciso atentar para algumas questões extremamente importantes para que se tenha uma aula de campo de qualidade. Assim, destaca-se o conhecimento prévio do local a ser estudado, pois ao realizar essa sondagem o professor fica mais informado sobre: assuntos que podem ser abordados, se a aula está de acordo com as condições financeiras dos discentes, qual a melhor época para a realização do estudo de campo, como atribuir os conhecimentos prévios do aluno aos assuntos que serão expostos, tipo de vestimentas apropriadas para a visita, alimentação, utilização de materiais didáticos de anotações e registros, fotográficos ou não, meios de transportes que serão utilizados, são todas as questões que devem ser levantadas para obtenção de êxito da aula.

Para Bolfer (2008), a atividade de campo geralmente exige muito trabalho e dedicação do professor, sobretudo, porque o mesmo deve estar preparado, apesar de todo planejamento, para eventuais surpresas, tais como uma nova discussão fora dos conteúdos da aula, tomando cuidado para não fugir dos objetivos, mas também não poderá deixar de responder aos questionamentos feitos, gastos extras, entre outras problemáticas que exigirá maior flexibilidade do docente.

Em relação à atividade de campo, Matheus (2007, p. 143) afirma “ser um momento de construir e compartilhar o novo com o aluno e de aproximar o conhecimento teórico lógico, ao experimentado, ao empírico”. Segundo Castrogiovanni (2000, *apud* BARROS, 2010), para obter bons resultados em uma aula de campo o professor pode organizar o trabalho da seguinte maneira: definir o trajeto a ser percorrido, fazer a lista das informações a ser obtida, contatar com pessoas, estabelecimentos, autoridades que serão visitadas, combinar o que pode ser observado (a partir de um conhecimento prévio), deliberar como será feito o registro (fotografias, anotações entre outros), distribuir tarefas para os alunos e decidir como sistematizar e relatar as observações feitas na aula.

Também é importante ressaltar que vários fatores podem interferir na realização de uma atividade de campo, como a própria formação do professor, o qual muitas vezes em seu currículo acadêmico não teve a oportunidade de participar desse tipo de atividades, ou até participou, mas de forma vaga, sem as devidas contextualizações e instrumentos essenciais. Neste contexto, os licenciados em Geografia têm a oportunidade de vivenciar essas situações,

e de certa forma são privilegiados por isso, pois o estudo do meio é indispensável para sua formação, mas que pode ser prejudicada, se não houver os investimentos necessários. Dessa maneira a universidade é uma importante parceira da educação básica no que desrespeita a formação de professores. Como afirma Passini *et al.* (2007 p. 175):

O estudo do meio pode ser utilizado também em parceria com a Universidade, temos muita dificuldade em realizar trabalho de campo de forma sistemática sem contar com recursos específicos como bússola, altímetro, *GPS*, cartas da localidade. Essa é uma verdadeira contribuição que a Universidade poderia nos oferecer. Nesse trabalho integrado entre Universidade e escola básica, os alunos de Prática de Ensino em Geografia podem entender o significado de transposição didática do conhecimento científico e a relação entre trabalho de campo e estudo do meio.

Além desses fatores a falta de estímulo nos alunos, desde as séries iniciais, em observar de forma curiosa o meio é vista como dificuldade e de certa forma como resistência em fazê-los compreender essa prática como ciência e como fator determinante em sua formação. A falta de colaboração na prática da interdisciplinaridade, através da colaboração de docentes de outros componentes curriculares, falta de recursos e apoio de órgãos públicos, dentre eles a própria escola, falta de estímulo e dificuldades burocrática, inviabilizam ou dificultam a saída a campo com os alunos, são critérios que para Viveiro e Diniz (2009) comprometem a realização dessa estratégica metodologia tão importante que proporciona grandes possibilidades de exploração didática.

2 CONHECENDO O ESPAÇO A SER ESTUDADO: TRABALHO DE CAMPO CIDADE DE AREIA – PB

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE

O município de Areia é considerado um dos mais antigos da Paraíba, fator esse que a coloca como um instrumento vivo da história e cultura do nosso Estado. O mesmo fica localizado na mesorregião do Agreste e na microrregião do Brejo paraibano, segundo o senso demográfico de 2010, apresenta uma população de 23.837 habitantes (IBGE, 2010), fazendo limites geográficos com Arara e Pilões ao norte, Alagoa Nova e Alagoa Grande ao sul, Pilões e Alagoinha ao leste, e Esperança, Remígio e Algodão de Jandaíra ao oeste (Figura1). Encontra-se a uma altitude de 622 m e uma extensão territorial calculada em 630 km².

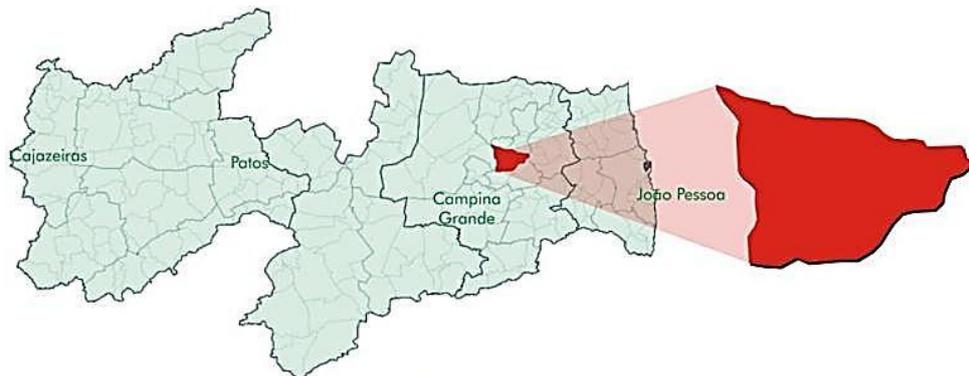


Figura 1 – Mapa da localização do município de Areia – PB

Fonte – Governo da Paraíba, disponível em: <<http://www.agencia.ufpb.br/mapas/areia/areia.html>>.

Não diferente das demais cidades do Agreste, Areia originou-se devido ao processo de pouso ou união do Litoral e Sertão. O processo de ocupação do Brejo Paraibano, onde fica localizado o município, ocorreu, sobretudo, com relação à economia de subsistência, desenvolvida nessa região, que servia como um ponto de ligação entre o Litoral e o Sertão, essa região por meados dos séculos XVIII e XIX exercia “um papel de traço de união entre duas paraíbas, isto é, a do açúcar litorâneo e o boi sertanejo” (MELO, 2002, p. 98).

Devido a sua importância histórica, o município passou por um processo de tombamento histórico, que perdurou por quatro anos, e em 2006 foi considerada Patrimônio Histórico, destacando bens de valores simbólicos históricos e culturais, e assim pudesse conservar parte desse acervo. Dessa forma Areia tornou-se a primeira cidade da Paraíba a ter

sua área protegida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (ALMEIDA; CALDAS, 2010).

Além disso, outra característica peculiar e marcante do município é importância econômica que os engenhos exerceram nas cidades brejeiras, sobretudo no município de Areia, pois todo esse valor histórico que a cidade construiu foi moldado no desenvolvimento da atividade açucareira da região. Para Moreira e Targino (1997 p. 94) “o engenho de açúcar constituía a base econômica da Colônia”.

O município também se destaca por ser o berço de nomes ilustres, como o pintor Pedro Américo e o escritor José Américo de Almeida, reforçando a importância de Areia como uma das principais cidades do Brejo Paraibano. A mesma conta com a presença de um campus universitário, o Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba. Os Brejos de Altitudes são áreas peculiares da região Nordeste, caracterizados por serem áreas mais úmidas que o Semiárido, isso devido ao efeito orográfico das precipitações e das baixas temperaturas. Muito comum nessas áreas a presença de matas de altitudes, extensão de reservas ecológicas de Mata Atlântica, abrigando uma grande biodiversidade, são áreas que enfrentam grande problemas de conservação em toda Paraíba.

Em Areia a Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro (Figura 2) é certamente a mata de brejo mais representativa do estado da Paraíba, com uma área em torno de 600 ha, passou por vários processos de ações antrópicas, sobretudo o desmatamento, para dar lugar a culturas agrícolas. Apesar de inicialmente a ocupação dos brejos terem se baseado na cultura de subsistência, foi na plantação de cana de açúcar, voltada para o mercado externo, que a economia do município desencadeou-se de encontro com esse desenvolvimento, imensas áreas de matas foram devastadas com o intuito da utilização das terras férteis brejeiras na construção do progresso (ALMEIDA, 1999).



Figura 2 – Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

2.2 IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL DO MUNICÍPIO DE AREIA – PB

Conhecido nacionalmente por seu acervo histórico, o município de Areia nos traz a partir de seus museus e arquiteturas um resgate cultural das terras elevadas e frias do Brejo Paraibano, monumentos históricos que, de acordo com Choay (2001), têm um valor de rememoração hábil a sustentar viva a herança cultural de uma comunidade. O tombamento de seu acervo histórico em 2006 vem demonstrar a importância e a preocupação em manter viva a formação inicial de seu território e sua arquitetura que retoma símbolos de poder e tradição desde sua formação no século XVII, mais precisamente no ano de 1625, quando era apenas um povoado denominado de Sertão dos Bruxaxás, de acordo com Almeida e Caldas (2010).

Diante das riquezas naturais e culturais encontradas nesse município, observamos que a atividade turística vem abrir oportunidades de crescimento, destacando Areia não só como cidade símbolo de lazer, mas também como uma fonte inesgotável de conhecimentos de um grande valor pedagógico. Berço de importantes personagens históricos, como o pintor Pedro Américo conhecido por seus quadros *Batalha do Avaí* e *o Grito do Ipiranga* e o escritor José Américo de Almeida, a cidade guarda em sua contextualização histórica prédios e bens dos ilustres, de grande valor histórico (Figuras 3 e 4), reforçando a importância do tombamento desses bens materiais e registros, e do reconhecimento da sociedade na atuação de preservar os mesmos (SEABRA; MENDONÇA, 2011).



Figura 3 e 4 – À esquerda, Casa Pedro Américo, e à direita, alunos observando a réplica da obra “Grito do Ipiranga”, de Pedro Américo

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

Outro prédio de importante destaque no Centro histórico de Areia é o Casarão José Rufino, imóvel construído no início do século XIX, resgata perfeitamente a arquitetura da época. Essas edificações estão intimamente ligadas ao momento histórico ali vivido, portanto ultrapassando as barreiras do estético (SEABRA; MENDONÇA, 2011). No imóvel é possível remontar na mente o período histórico da escravidão, através da arquitetura da Casa grande, da senzala e do tronco, onde eram torturados e castigados os escravos.

Devido as suas características físicas, Areia foi um dos lugares mais propícios para plantação de cana-de-açúcar. De todas as culturas ali desenvolvidas esta foi a única que, de fato, nunca foi abandonada, tendo em vista que outros ciclos de produção agrícola, como o algodão, por exemplo, também fizeram parte da economia do município num determinado período. Almeida (1999, p. 112) destaca que a cana-de-açúcar, “tem sido em todos os tempos, uma cultura intermitente, que nunca foi totalmente abandonada”.

Diante dessa abordagem, podemos destacar o significado dos engenhos, para esse município, desde sua origem até os dias atuais, prova viva disso é a presença em seu acervo histórico do Museu da Rapadura que fica localizado na Universidade Federal da Paraíba campus II no Centro de Ciências Agrárias. Na oportunidade os visitantes do Museu da Rapadura tem a oportunidade de presenciar a estrutura física de um engenho, formado pela fábrica e a casa grande, o resgate histórico das peças utilizadas na fabricação dos derivados da cana-de-açúcar e sua evolução ao longo dos tempos.

2.3 SELEÇÃO DE CONTEÚDOS E EVENTOS REALIZADOS ANTES DA IDA A CAMPO

Como já foi relatado é a falta de planejamento que faz com que o professor não obtenha os resultados esperados com a aula de campo. Portanto planejar o que se pretende obter com essa metodologia didática é fundamental. Todo planejamento começa por uma sondagem, uma análise das potencialidades do ambiente que se pretende visitar, na atividade em questão o município escolhido para acolher os alunos dos 7º anos A e B de uma escola estadual do Bairro Santa Rosa em Campina Grande – PB foi o Município de Areia na Paraíba.

Ao tomarmos conhecimento que os alunos seriam contemplados com essa viagem, buscou-se investigar de que forma se daria a mesma, diante do que foi exposto não foi difícil selecionar os conteúdos que seriam abordados na ida a campo, que estrategicamente coincidiu com o conteúdo que é estudado na referida série, conforme ressaltam Souza, Faria e Neves (2008), trabalho de campo é um método didático que auxilia os alunos na compreensão da teoria que é dada em sala de aula, além de oportunizar o estudo das questões locais e regionais que dificilmente são trabalhadas nos livros didáticos.

Para a realização da aula de campo para Areia foi necessária uma reunião prévia com os professores, isso porque, pela abrangência de temas que poderiam ser trabalhados na mesma, sentiu-se a necessidade da interdisciplinaridade, pois os conteúdos contemplariam mais de um componente curricular. Segundo Barros (2010), é recomendável realizar a aula em campo com professores de outras disciplinas envolvidas com o assunto do local visitado. Após a explanação da proposta, ficou claro que os conteúdos mais adequados à aula de campo seriam os do 7º ano, porque essa série trabalha no componente Geografia com a compreensão do território brasileiro desde sua ocupação e formação.

Primeiramente buscou-se compreender a importância histórica do Agreste, em especial dos Brejos, e Areia destacou-se como um ícone representante dessa microrregião, o papel de zona de transição do Agreste, a produção das policulturas e da cana-de-açúcar, a importância dos engenhos não só para essa sub-região como também pra economia inicial do Brasil. Nas regiões em volta do arraial embrionário, às margens dos rios, fundavam-se sítios.

As palhoças e casas de farinha, construídas precariamente, mais tarde seriam substituídas pelas casas grandes dos engenhos de açúcar e rapadura. A lavoura foi a base de toda a produção local até fins do século XVIII. A cultura principal era o algodão; em complementaridade, empreendia-se a cultura de mandioca, fumo, feijão e milho. A cana-de-

açúcar somente viria a ser produzida largamente a partir da primeira metade do século XIX, embora já houvesse experiência de plantio na região, desde o século XVIII (MORAES, 2008).

Um dos assuntos que não podem deixar de ser questionados e explicitados em uma aula de campo é a Educação Ambiental. Uma aula realizada no meio não tem como o professor fugir desta temática, devido os alunos estarem inseridos em um espaço propício para trabalhar as questões ambientais, pois é importante fazer uma conscientização sobre como o ser humano poderá preservar o meio onde ele esta inserido. Como contemplam os PCN's:

Como objeto de estudo da Geografia, no entanto, refere-se às interações entre a sociedade e a natureza, um grande leque de temática de meio ambiente está necessariamente dentro do seu estudo. Pode-se dizer que quase todos os conteúdos previstos no rol do documento do Meio Ambiente podem ser abordados pelo olhar da Geografia. Evidentemente, dentro da abordagem metodológica, alguns conceitos têm tratamento diferente. (BRASIL, 1998, p. 46).

Assim o docente poderá realizar uma atividade mais aprofundada, abordando no campo, assuntos relacionados à Educação Ambiental, que atualmente vem sendo muito discutida e questionada, refletindo-se nos problemas ambientais e estratégias sustentáveis que o planeta vem sofrendo.

3 EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DE UMA AULA DE CAMPO

3.1 MECANISMOS E RECURSOS UTILIZADOS NA AULA DE CAMPO

Por tratar-se de uma metodologia dinâmica e eficiente para o desenvolvimento da aprendizagem de conteúdos, a aula de campo vem tornando-se um recurso indispensável no contexto escolar, sobretudo da Geografia. Para obter as finalidades dessa pesquisa procurou-se capturar as dificuldades enfrentadas pela equipe escolar na realização dessa estratégia de ensino que buscasse o desenvolvimento cognitivo dos alunos. De maneira a obter melhores resultados a atividade foi dividida em algumas etapas, dentre elas:

PESQUISA E LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Uma das partes mais importantes da organização de uma aula de campo é, sem dúvida, o levantamento bibliográfico, onde separamos os conteúdos que serão abordados, os componentes curriculares que poderão ser integrados, tornando o projeto interdisciplinar e o aprimoramento intelectual de discentes e docentes. Na presente pesquisa monográfica essa etapa foi contínua, correspondendo à divisão das diversas fontes de pesquisas e dos diversos conteúdos que seriam abordados, principalmente nas áreas de Geografia, Ciências, História e Educação física.

A divisão inicial, pois toda aula é dinâmica e sujeita a mudanças, foi: A importância dos engenhos na ocupação da Mesorregião do Agreste; Características físicas, demográficas, econômicas dos Brejos; Relevância cultural do município de Areia; O valor da conservação das áreas de Mata Atlântica e a importância da prática de atividades físicas para uma boa qualidade de vida. Isso foi relevante para a caminhada na Mata do Pau Ferro.

MATERIAL A SER APLICADO

Todo material utilizado nas aulas foi cuidadosamente organizado e elaborado pelos docentes, nesse evento procurou-se organizar pastas com o roteiro da aula de campo, canetas, cadernetas para anotações. É importante ressaltar que todos os alunos foram orientados a utilizarem roupas e calçados confortáveis, chapéus e bonés, protetor solar, máquinas fotográficas, celulares ou gravadores, e matérias de uso pessoal como água, lanches, entre outros.

VISITA AO LOCAL DE ESTUDO

Antes de levarmos os alunos até o campo, foi preciso realização de uma visita preliminar, essa foi importante para toda organização da aula: desenvolvimento do roteiro, horários e lugares para as refeições e descanso, contratação de um guia para orientar-nos em relação ao roteiro escolhido. A visita ao local escolhido para a realização da aula de campo é indispensável na organização da mesma, tendo em vista que evita frustrações e fuga dos objetivos pretendidos (BARROS, 2010).

REUNIÃO COM PROFESSORES E GESTORES

Uma aula de campo não necessariamente significa viajar, no entanto quando nos disponibilizamos a levarmos os discentes para outra cidade devemos ter consciência do gasto que seria gerado, nessas reuniões discutíamos a locações de ônibus, compra dos materiais didáticos, valores de almoço, vestimentas utilizadas, paradas antes do destino para possíveis explicações sobre: clima, relevo, cultura, entre outros, relação dos alunos que tinham autorização dos pais para viajarem, relações dos professores que seriam responsáveis pela viagem, dia mais estratégico para a realização da aula de campo, horários de saída e de chegada à escola.

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA AOS ALUNOS E SONDAÇÃO EM TORNO DO QUE ESTUDARÍAMOS EM UMA AULA DE CAMPO

Definidos os professores que participariam do projeto, chegou a vez de informar aos alunos escolhidos a proposta de trabalharmos conteúdos programáticos da escola fora do ambiente escolar. A notícia foi recebida com muita euforia, animação. Os alunos foram questionados sobre o que entendiam sobre uma aula de campo. Os questionamentos foram importantes para avaliar e desmistificar, se necessário, o que eles entendiam com essa saída do colégio.

O aluno E. A. F., quando questionado sobre o que entendia por uma aula de campo, relatou: “Muito diferente do que assistir uma aula dentro de sala de aula”. Diferentemente do ponto de vista do aluno K. A. F. que classificou uma aula de campo como sendo uma viagem “Uma viagem para um canto com relevo, mar e animais”. Acharmos bastante interessante o relato do educando M. S. P., que conseguiu compreender que aula de campo seria um complemento de dentro da sala de aula, e não se trataria apenas de uma viagem ou passeio, mas sim de uma aula, onde se contemplariam conteúdos, só que fora da sala de aula: “Eu acho

que uma aula de campo é uma exploração num lugar, caminhando pelos cantos para conhecer e aprender conteúdos”.

IDENTIFICAÇÃO SE ALGUM ALUNO JÁ HAVIA ESTUDADO CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA OU DE OUTRAS DISCIPLINAS EM AULA DE CAMPO

Essa parte foi bastante interessante, pois dos 49 alunos entrevistados apenas um já havia participado de uma aula de campo. Para os demais a experiência seria a primeira. Isso demonstra que, apesar da eficiência dessa metodologia didática, ela ainda é pouco utilizada. Muitos educandos imaginavam tratar-se de uma aula ao ar livre, sentados num campo, a professora explicando o assunto na companhia dos colegas.

ANÁLISE DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO E A PRÁTICA DA AULA EM CAMPO

A partir das análises de questionários fica claro que a busca por alternativas didáticas capazes de despertar o interesse dos educandos é uma preocupação constante de professores, sobretudo da educação básica, etapa considerada mais importante e mais preocupante para a consolidação dos conhecimentos científicos prévios. No entanto, quando esse recurso de ensino é a aula de campo, apesar de seu potencial didático, apresenta dificuldades que o classificam como um recurso complexo, difícil de ser desenvolvido.

Segundo a professora M. S. F. S., “as maiores dificuldades na realização da aula de campo estão especialmente na locomoção”. Esse pensamento não é único da educadora em questão, foi uma das maiores reclamações, seguida da falta de estrutura e apoio da instituição escolar. Essa burocracia imposta pelo sistema é o que desestimula os professores a encarar uma aula de campo, pois para elaboração da mesma é necessário um preparo, uma organização, componentes capazes de garantir uma boa realização da aula.

3.2 PERCUSO DO TRABALHO DE CAMPO

A realização da aula de campo se deu no dia 21 de novembro de 2013, com destino a cidade histórica de Areia – PB, antes da saída os alunos foram reunidos novamente e receberam as orientações, roteiro da viagem e comportamento que deveria ser utilizado durante a aula de campo. O roteiro da viagem foi seguido rigorosamente e estava todo fundamento nos conteúdos expostos em sala de aula. As pastas com os roteiros foram

entregues a todos os alunos, foi lido e debatido por todos. Conforme podemos observar nas figuras 5 e 6, a reunião de alunos, professores e gestores antes da saída a campo.



Figura 5 – Professores dando as últimas orientações aos alunos

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.



Figura 6 – Professores dando as últimas orientações aos alunos

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

A saída para a aula de campo ocorreu exatamente às 07h30, com destino ao município de Areia. Os alunos foram orientados a seguir toda a aula em dupla com um colega, sendo cada um responsável pelo outro, isso para facilitar o controle dos mesmos. Ao longo do percurso passamos por algumas cidades de características importantes, como econômicas,

clima, relevo, entre outras. A chegada a Areia ocorreu por volta das 09h00. Na ocasião estava a nossa espera um guia para acompanhar-nos durante todo o percurso, o que foi essencial para o sucesso da aula, conforme podemos observar na Figura 7.



Figura 7 – Alunos recepcionados pelo guia da viagem

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

A primeira parada foi na Universidade Federal da Paraíba. Na ocasião os alunos puderam apreciar a estrutura da universidade e a diversidade da flora através de uma caminhada até o Museu da Rapadura, que se encontra no prédio universitário (Figura 8).



Figura 8 – Alunos caminhando em trilha em direção ao Museu da Rapadura

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

A visita ao Museu da rapadura foi uma das partes mais importantes da aula de campo, tendo em vista a importância dos engenhos no surgimento e desenvolvimento das cidades do

brejo paraibano, conforme já relatado no capítulo anterior desse trabalho monográfico. A chegada ao museu foi de grande entusiasmo, foi permitido aos alunos tomar conhecimento e ver de perto a evolução das máquinas utilizadas na fabricação dos derivados da cana-de-açúcar, a aula contou com o apoio do guia que também é professora de História, que fez todo um resgate vivo daquele momento histórico.

Alguns alunos relataram que os conteúdos que estavam vendo ali já haviam estudado em sala de aula, o que pra nós professores foi gratificante, pois estávamos conseguindo atingir nossos objetivos. “Na viagem mostrou várias culturas antigas dos escravos, mostrou como fazer produtos da cana-de-açúcar e etc. Aqui na sala de aula as professoras de História e Geografia falaram sobre isso” (A.C.M., aluna do 7º B). Outro relato importante foi da aluna H. M. S. L.: “Quando nós fomos a Areia estávamos estudando em história sobre os engenhos e na viagem visitamos” (Figuras 9 e 10.)



Figuras 9 e 10 – Visita à casa grande, à esquerda, e ao Museu da Rapadura, à direita.

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

A segunda parte da aula de campo, fez com que os alunos se dirigissem ao centro histórico da cidade de Areia – PB, onde os mesmos puderam ir de encontro com a história viva de pessoas ilustres como Pedro Américo e José Rufino, visitaram e assistiram a uma aula dialogada e visível, a partir de monumentos históricos e de objetos pessoais dos ilustres. Base da sociedade tradicional puderam também acompanhar a evolução de objetos religiosos e da vida pessoal e profissional de padres que fizeram parte da paróquia local (Figuras 11 e 12).



Figuras 11 e 12 – À esquerda, alunos na Casa Pedro Américo, à direita, educandos no Casarão José Rufino.

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

Já cansados e com horário avançando, a terceira etapa da aula de campo foi o momento de descontração, relaxamento e alimentação. Etapa bem planejada e organizada pelos professores responsáveis pela aula. A alimentação ocorreu em um restaurante de comidas naturais de frente para Mata do Pau Ferro, que seria a quarta e última etapa da aula. Após o almoço os alunos partiram em direção a uma trilha ecológica pela floresta, nessa foi guiada e explicada detalhadamente a importância de andar em trilhas pela floresta, essa prática conserva a floresta de agressões antrópicas (DUTRA; HERCULIANI, 1990 *apud* LEMOS, 1999). Os educandos foram orientados a não mexer em nada da floresta, não jogar lixo e respeitar o máximo a fauna e flora local (Figuras 13 e 14).



Figura 13 e 14 – À esquerda, almoçando; à direita, alunos em trilha pela Mata do Pau Ferro.

Fonte – Acervo pessoal da autora, 2013.

3.3 REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DESSA PRÁTICA PARA DISCENTES E DOCENTES NO AMBIENTE DA PESQUISA

A experiência de vivenciar uma aula de campo para a grande maioria foi muito especial, tendo em vista que para eles foi a primeira vez que participaram de tal atividade. Para os alunos esse tipo de aula é muito interessante, pois o extraescolar representa uma via importante, que abre espaço de relações entre a escola e a comunidade, possibilitando construir um conteúdo de ensino satisfatório às necessidades básicas de aprendizagem (CARNEIRO, 1998).

A partir da aplicação de questionários chegamos à conclusão de que para os alunos que participaram da aula de campo, entre os recursos mais interessantes para aprender Geografia estão os debates, os vídeos, jogos, informática. E para a maioria a aula de campo seria o melhor recurso para compreender tal ciência, conforme podemos observar na imagem a seguir (Figura 15). Isso se explica porque eles conseguem assimilar melhor o conteúdo quando têm a possibilidade de conhecer pessoalmente a problemática estudada. Tudo aquilo que eles veem e leem nos livros didáticos conseguem sentir e compreender em sua essência.

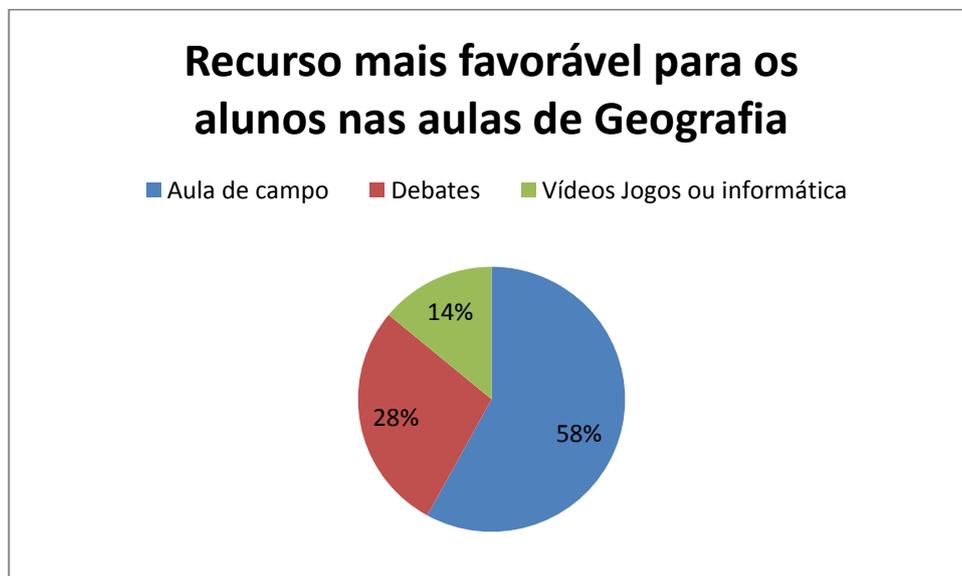


Figura 15 – Gráfico retratando como os alunos preferem estudar Geografia

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014.

Do ponto de vista dos discentes, a aula de campo é diferente, transforma uma aula boa em uma aula inesquecível. A aluna H. M. S. L classificou a experiência como: “Achei uma aula supere diferente, saímos da sala de aula e fomos conhecer melhor as riquezas que temos

no Nordeste, é bem legal sair um pouco de sala de aula”. Quanto ao objetivo alcançado quando retornamos à sala de aula, os alunos foram questionados se haviam conseguido ver alguma relação entre o conteúdo estudado em sala de aula com o conteúdo visto na aula de campo. O resultado foi satisfatório, pois, mesmo sendo para a maioria a primeira vez que participaram de aula de campo, uma maioria significativa conseguiu, sim, relacionar os conteúdos dentro e fora da sala de aula (Figura 16). Segundo a aluna E. V. M. P., foi uma experiência bastante construtiva com “ótimos lugares que conheci que antes só via em livros”.

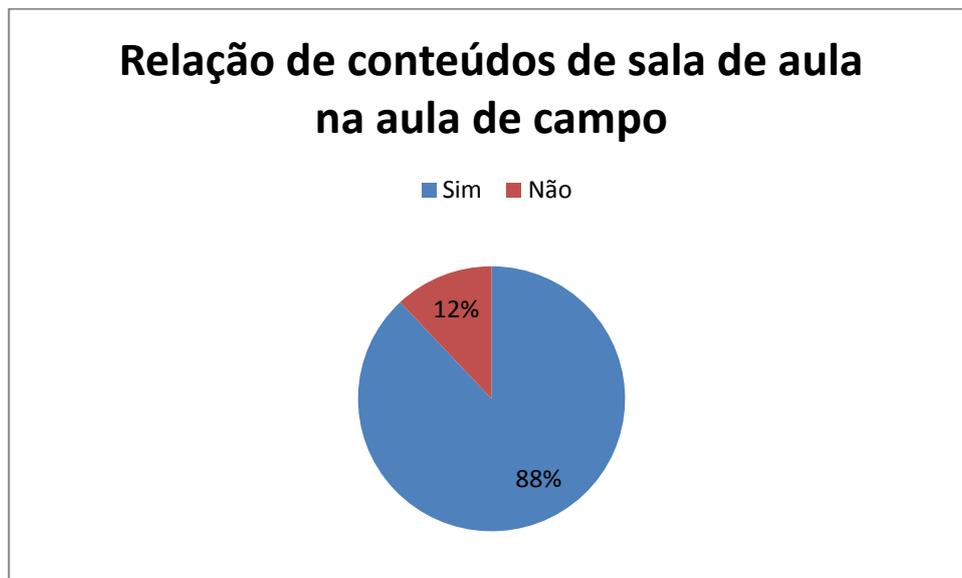


Figura 16: Gráfico representando a quantidade de alunos que conseguiu relacionar os conteúdos estudados em sala de aula na aula de campo

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2014.

A organização também foi um ponto questionado de forma positiva por discentes e docentes, todos os participantes da aula de campo a cidade de Areia, perceberam que a mesma tinha sido bem planejada e estruturada, muitos exaltaram a figura de um guia que auxiliou sobremaneira os professores, pois o mesmo tinha conhecimento mais aprofundado do local de estudo, o almoço, as paradas pra fotos e explicações para todos foi um fator relevante para o sucesso da atividade. Segundo o aluno W. R. F. S “Foi muito boa pude aprender coisas novas apreciar a beleza da cidade, estava tudo bem organizado tivemos boa alimentação”.

Por fim, lecionar é isso, a arte de criar e utilizar várias modalidades didáticas que irão orientar o professor no desenvolvimento melhor de seu trabalho. Essas variações que fazemos dentro e fora da sala de aula são muito atrativas para o aluno sentir vontade de permanecer e aprender na escola. Para tal o educador desejoso de melhorar ou mudar suas práticas deve

focar em um recurso capaz de colocar o aluno como próprio autor de seu conhecimento (MARTINS, 2009).

A aula de campo é tudo isso, é um conjunto de recursos que faz o aluno ser autor do seu próprio conhecimento. Ele terá a base dos conteúdos, mas será capaz de organizar essas informações de acordo com a importância e assimilação feitas do mesmo de forma presencial, além de despertar para si a importância da relação com o meio. Pois como afirma a professora N. D. M.: “Os benefícios da aula de campo são diversos, pois temos interesses e objetivo em comum, isso auxilia muito o trabalho do professor: o interesse do aluno em participar e do professor em se doar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo constatou-se que há uma busca constante por alternativas capazes de driblar as dificuldades enfrentadas por professores da educação básica na construção do conhecimento geográfico, dessa forma o educador necessita adotar estratégias capazes de facilitar e intensificar a aprendizagem. Uma dessas estratégias didáticas é a aula de campo, poderoso instrumento educacional contribuinte para a concretização dos conteúdos programáticos a partir da aula prática, perpassando as paredes escolares.

Conforme podemos observar ao longo desse estudo, apesar de sua grande carga de importância e de se tratar de uma prática eficiente, a aula de campo ainda é um recurso pouco utilizado, isso ocorre devido a todas as dificuldades imposta pelo sistema para realização da mesma, além da qualificação profissional que exige do professor uma organização na qual deve ser realizado o processo, caso contrário os objetivos esperados serão frustrados. As dificuldades que os docentes enfrentam dentro de sala de aula para desempenhar um bom trabalho exige a utilização de boas estratégias, dessa forma a criatividade deve ser ativada, visto que a aula de campo não seria apenas uma viagem com custos, mas pode ser realizada também no entorno da escola ou até mesmo dentro da instituição escolar.

A prática que foi desenvolvida na referida escola tentou despertar nos alunos o interesse pela as aulas de geografia, vista por muitos como uma disciplina cansativa e chata, com a aula de campo os alunos conseguiram identificar o conteúdo geográfico na prática, na essência fora dos livros didático, puderam ver, tocar sentir e conseqüentemente compreender e relacionar o conteúdo teórico a prática. As contribuições foram além dos discentes, pois professores puderam observar que a aula de campo é uma estratégia interessante e possível.

Por fim o conhecimento alcançado na aula de campo não se limita apenas aos professores ou à ciência que lecionam, mas abrange o real, a interdisciplinaridade, o meio onde está inserido o aluno, suas realidades. Diante disso é preciso repensar a adoção dessa prática e quão grandes são suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. O sistema deve incentivar os educadores e até encorajá-los na realização dessas aulas, diminuindo as dificuldades impostas, aproveitando que a aula de campo é considerada pelos alunos como mais interessante, dinâmica, interativa e real.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio Augusto de. **Brejo paraibano: contribuição para o inventário do patrimônio cultural**. João Pessoa: Museu do Brejo Paraibano, 1999.
- ALMEIDA, Polyana Raquel de Lima; CALDAS, Rosimary de Almeida. **Areia/PB – Patrimônio e contextualização histórica**. Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre – RS, 2010.
- BARROS, M. S. **A importância do trabalho de campo na construção do conhecimento geográfico: Estudos de caso na E. E. E. F. M. Francisco Ernesto do Rêgo, Queimadas – PB**. Monografia (Curso de Geografia) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortês, 2005.
- BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. 2008. **Reflexões sobre prática docente: Estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNBBS.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (5ª a 8ª SÉRIES)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTE, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002 (Coleção Inovação Pedagógica).
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**, 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERBATO, F. Por uma Geografia escolar mais sedutora: Conhecimento prático da Geografia. **Escala**, v. 9, n. 28, 2009.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ed. UNESP, 2001.
- FIGUEREIDO, V. S.; SILVA, G. S. C. **A importância da aula de campo na prática em geografia**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.
- GOETTEMS, A. A. **Problemas ambientais urbanos: desafios e possibilidades para a escola pública**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; OLIVEIRA, Janete Regina de. O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, n. 24, dezembro 2004.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010:** Paraíba. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_paraiba.pdf>. Acesso em: 04 set. 2014.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortes, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do professor).
- LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- LEMO, A. I. G. **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.
- MARTINS, J. S. **Situações práticas de ensino e aprendizagem significativa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- MATHEUS, Elizabeth Helena Coimbra. O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico. In: RÊGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MELO, José Octávio de Arruda. **Historia da Paraíba: lutas e resistência**. 9. ed. João Pessoa: A União Editora, 2002.
- MORAES, Carla Gisele Macedo Santos Martins. **Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano (séculos XVIII, XIX e XX)**. Recife: UFPE / MDU / Dissertação de Mestrado, 2008.
- MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.
- NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia: reflexões sobre práticas docentes na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2010.
- PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (Org.). **O ensino de Geografia do Século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, T. I.; CACEE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- RODRIGUES, Antônia Brito; OTAVIANO, Cláudia Arcanjo. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. **Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 10, n. 1, jan./jun. 2001.

SEABRA, Giovanni; MENDONÇA, Ivo (orgs.). **Educação ambiental: Responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

SILVA, Jéssica Aparecida Porfírio da; FARIAS, Juliana Carmona de; OLIVEIRA, Jully Gabriela Retzlaf de. **A utilização do bingo da industrialização e urbanização brasileira: Uma proposta do Projeto PIBID Geografia UENP**. Artigo publicado no I Simpósio de Geografia "Novos Rumos para os Estudos Geográficos" e IX Semana de Geografia. UENP, Cornélio Procópio, 2013.

SOUZA, C. J. O; FARIA, F. S. R.; NEVES, M. P. **Trabalho de campo, por que fazê-lo?** Reflexões à luz de documentos legais e de práticas acadêmicas com as geociências. Anais VII Simpósio Nacional de Geomorfologia. Belo Horizonte, 2008.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da silva. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades dessa estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1, São Paulo, 2009.

ANEXOS

ROTEIRO DA AULA DE CAMPO – AREIA – PB – 21-11-2013 (DHC)

Professoras responsáveis: Cristiane Aureliano e Rayssa Waleska

RESERVA ECOLÓGICA MATA DO PAU FERRO:

A Reserva Ecológica da Mata do Pau Ferro é uma gleba de terra de 600 hectares, situada no sítio "Vaca Brava", pertencente ao Governo do Estado da Paraíba. Foi criada pelo Decreto-Lei nº 14.832, de 19 de outubro de 1992, e se localiza na microrregião do Brejo Paraibano, a 5 km da sede do município de Areia.

Objetivos da Unidade de Conservação:

- Preservar a diversidade biológica dos ecossistemas no estado de evolução livre, com um mínimo de interferência direta ou indireta do homem.
- Incentivar a obtenção de conhecimentos, mediante pesquisas e estudos de caráter biológico ou ecológico.
- Proteger espécies raras, endêmicas, vulneráveis ou em perigo de extinção.
- Preservar os recursos da biota.
- Contribuir para o monitoramento ambiental, fornecendo parâmetros relativos a uma área pouco ou nada afetada por ações antrópicas.
- Proteger a bacia e os recursos hídricos da área.

UFPB/ MUSEU DA RAPADURA:

O Museu do Brejo Paraibano, também conhecido como Museu da Rapadura está localizado no Campus II da Universidade Federal da Paraíba, na cidade de Areia. A grande beleza do museu está, justamente, na localização e, como não poderia deixar de ser, no acervo. Na unidade fabril, o engenho também está em exposição, mostrando as diversas fases do processo produtivo dos derivados da cana de açúcar, em especial, da rapadura. Lindamente preservado, é possível conhecer cada etapa do trabalho artesanal, desde a grande moenda de madeira usada para extração do caldo da cana, a Almanjarra, até a colocação do doce nos tradicionais formatos retangulares. A casa grande abriga objetos singularmente curiosos, como um relógio de parede de 226 anos que ainda funciona perfeitamente, um oratório típico, uma palmatória de ferro e uma coleção de móveis rústicos, tudo cuidadosamente preservado.

MUSEU REGIONAL:

O Museu Regional de Areia (Mura) tem como missão institucional resgatar, preservar e difundir a memória da região da cidade de Areia, promovendo atividades científicas e culturais com vistas ao desenvolvimento social. O Mura foi criado em 1972 pelo cônego Ruy Barreira Vieira, juntamente com alguns representantes da sociedade areiense, preocupados em registrar a história da cidade e dos seus ancestrais. O museu foi reconhecido como de utilidade pública pela Lei nº 147 de 04/10/1973, da Câmara Municipal de Areia, e pela Lei nº 3.870 de 28/12/1976, da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba.

CASA DE PEDRO AMÉRICO

O prédio onde nasceu o grande artista plástico, Pedro Américo de Figueiredo, é uma construção simples, conjugada, com uma porta e duas janelas na frente. Havia outrora sala de visitas, sala de jantar, dois quartos, cozinha, banheiro e um pequeno quintal. Nas proximidades do centenário de nascimento do pintor, a Prefeitura efetuou a desapropriação do imóvel que sofreu modificações a fim de funcionar como pinacoteca e museu do Município. As janelas e portas receberam vidraças e a divisão interna foi alterada. Atualmente consta de duas salas na primeira das quais foi instalado o Museu com mais de vinte reproduções de telas famosas do artista, alguns esboços autênticos e o original “Cristo Morto”, de inestimável valor, um dos seus últimos trabalhos, pintado em 1901.

CASARÃO JOSÉ RUFINO

O casarão de José Rufino constitui um dos mais novos pontos turísticos da Paraíba, sendo símbolo do poder e da importância que a cidade de Areia teve na história da Paraíba. O que mais chama a atenção no casarão é justamente a sua relação com o passado. Construído em 1818, pelo comerciante português Jorge Torres, foi na década de 1970 restaurado por um areiense, José Rufino de Almeida, que deu um belo exemplo de amor às tradições de sua terra.

IGREJAS

IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS – A igreja consagrada a Nossa Senhora do Rosário foi iniciativa de uma irmandade originalmente composta por gente de cor. É a mais antiga do lugar, embora não se tenha a data precisa de sua fundação. Sabe-se que ficou inconclusa durante muitos anos. Segundo Horácio de Almeida, o governo provincial, em 1865, outorgou-lhe uma verba de quatro contos de réis para o andamento das obras. Documentos falam de uma empreitada, em 1872, com o mesmo objetivo. Porém tudo indica

que sua conclusão ocorreu em 1886, quando ali se celebrou a primeira festa religiosa. A Igreja do Rosário acha-se situada no centro da cidade, em frente à Praça Ministro José Américo de Almeida. Trata-se de uma construção onde se verifica a persistência do estilo arquitetônico que vigorou durante três séculos a partir de nossa colonização.

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – Esta igreja tem um valor histórico, tendo acompanhado o crescimento da cidade, desde que era um pequeno núcleo de povoamento e a igreja uma simples palhoça, onde o vigário de Mamanguape celebrava uma vez ao mês. Em 1809 aparece como uma capela coberta de telha. A freguesia foi criada em 1813, mas só em 1834 o Padre Francisco de Holanda Chacon, regente da paróquia por 52 anos, ergue a matriz no mesmo local da primitiva capela – prédio grande, sem torre, com corredores, tribunas, coro, consistório e altares em talha dourada.

TEATRO

TEATRO MINERVA – Inaugurado em 1859, com o nome de Teatro Recreio Dramático, constituía o orgulho dos habitantes de Areia, em especial dos membros da Sociedade Recreio Dramático, que o construiu às suas expensas, iniciativa pioneira precedente em trinta anos do teatro da capital. Funcionava regularmente com representações dos conjuntos amadores locais.

Mesmo companhias famosas que se exibiam em Recife iam até Areia, recebendo sempre muitos aplausos de um povo que tinha amor pela arte e pela inteligência. Localizado na rua Epitácio Pessoa, S/N, o prédio de linhas simples, tendendo mais para o tipo clássico, apresenta na fachada principal três portas e mais acima duas janelas. Em relevo o nome Theatro Particular e a data de inauguração, 1859. Um frontão de formato triangular ostenta no tímpano um ornato em relevo e mais acima uma decoração em caprichosas volutas no centro da qual há uma estatueta da deusa Minerva. Esta foi ali colocada por Horácio Silva, no início do século XX, quando na gestão do prefeito Otacílio de Albuquerque foram feitos alguns melhoramentos no prédio. A partir daí passou a ser conhecido por Teatro Minerva.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

PESQUISA ACADÊMICA – DATA: ____/____/____

Nome: _____

Profissão: _____ Tempo de exercício: _____

1 – Como você costuma lecionar em suas aulas? _____

2 – Para você, qual a importância da aula de campo em sua disciplina? _____

3 – Você já realizou alguma aula de campo? _____

4 – Quais as temáticas que costuma trabalhar nas aulas de campo? _____

5 – Em quais lugares costuma realizar estudos do meio? Com que frequência? _____

6 – Você realiza aulas em campo com professores de outros componentes curriculares?

7 – A participação de professores de outros componentes na sua aula de campo traz benefícios à finalidade da aula? _____

8 – Quando retorna ao local já visitado, faz alguma alteração no planejamento? Por quê?

9 – Os discentes executam algum tipo de atividade antes, durante e ao final da aula de campo? Quais? _____

10 – Quais as maiores dificuldades enfrentadas na realização de uma aula de campo?
